CADERNOS AH!

#27

A MINHA EXPERIÊNCIA COMO EMPREGADA DE LIMPEZA EM NOVA IORQUE

UM SONHO

RUTH BERLAU

A minha experiência como empregada
de limpeza em Nova Iorque, seguido de Um sonho
Ruth Berlau

Tradução: Fernando Ramalho
Paginação: Fernando Ramalho
Fotografia da capa: Hilda Hoffmann, *Ruth Berlau em Berlim*, 1969.

Ruth Berlau (1906-1974) foi uma actriz, encenadora, dramaturga e fotógrafa dinamarquesa.

Março de 2025

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

A minha experiência como empregada de limpeza em Nova Iorque

Limpeza importada da Escandinávia

Li num anúncio de jornal que procuravam empregadas de limpeza escandinavas.

Porque não? – percebi a lógica, as pessoas pensam que os escandinavos são muito limpos, que são bons a esfregar: então decidi candidatar-me ao lugar. A senhora americana disse-me: «Imagina estas negras que nos aparecem para aqui, são tão sujas, tão incrivelmente sujas. Acaba por dar mais trabalho ter de limpar a sujidade que elas deixam.»

Claro, eu não tinha muito tempo, andava ocupada a escrever e a fotografar, mas também me fazia falta o dinheiro, e era por isso que ali estava.

«Repara como está tudo sujo – obviamente, as empregadas de limpeza que por aqui passaram antes de ti eram negras. Aqui está o aspirador, aqui estão os panos, deixo tudo nas tuas mãos, afinal és escandinava.»

Estava sentada à frente dela e perguntei: «Quanto vou receber?»

«Bom, quanto queres receber?»

«Dois dólares à hora!»

«Muito bem.»

Fiz alguns cálculos: com dois dólares podia comprar mais dois rolos de filme, podia voltar a trabalhar. Só que havia coisas que eu não sabia: por exemplo, que se deve esfregar uma porta de cima para baixo. Comecei, fiz tudo errado. Mas serviu-me para aprender, e recebi os meus dois dólares. À hora.

Quem é que é sujo, afinal?

Estava muito bem sentada a aspirar – admito que costumava sentar-me enquanto trabalhava: o mais importante era que o aspirador fizesse barulho – quando tocou a campainha. Apanhou-me a meio da bela sesta do meio-dia. Um pouco estremunhada, fui abrir a porta. Deparei-me com um anjo. Ou assim me pareceu.

Disse-lhe: «Olá!» Ela respondeu: «Sou a Mary.»

Ainda a despertar do cochilo, disse-lhe: «Sou a nova empregada de limpeza.»

«Deixei cá um livro», disse a Mary.

«Entra, por favor, boa sorte, não creio que haja aqui nada de interessante para ler.»

«O meu filho fez seis anos, não pára de ler – tive mesmo de lhe comprar uns óculos – e pensei que talvez já tivesse idade suficiente para compreender *A Cabana do Pai Tomás*.»

E com *A Cabana do Pai Tomás* debaixo do braço deixámos alegremente o apartamento. Fomos para o Harlem, para o bairro negro onde a Mary vivia. Entrei no apartamento dela e percebi imediatamente que estava mais limpo do que o de qualquer dinamarquesa. O filho de Mary não se deixou perturbar, apenas um breve e educado «Olá» e continuou a ler. Naquele pequeno e escuro apartamento não havia o mais leve vestígio de pó, nem uma simples dedada na porta. Tudo era fresco e puro.

Atrevi-me a perguntar: «Mary, não podias ter deixado o apartamento só um bocadinho mais limpo?»

«A troco de quê? De oitenta cêntimos à hora? As pessoas ali tratavam-me como lixo. Porque haveria de ser eu a engolir o lixo delas.»

Voltei então a pensar nas pessoas que me pagavam: quem é que é sujo, afinal?

O curioso é que o dono da casa era escritor, e eu ganhei os meus dois dólares a falar sobre literatura: como é que se escreve e, sobretudo, por que razão se escreve?

Esta última questão deixou-o surpreendido: «Por dinheiro, claro.»

Perguntei-lhe: «É divertido, tem graça, escrever por dinheiro?»

Respondeu, ingenuamente: «Toda a gente escreve por dinheiro.»

Continuei então a ajeitar as almofadas, limpei as portas, aspirei os colchões.

E ainda me diverti um pouco: a mulher era míope. Onde raio estão os óculos quando se quer encontrar a sujidade? – Desapareceram! – Ela olhou, olhou… A sujidade estava lá, mas os óculos tinham desaparecido.

Quanta sujidade se pode limpar por dois dólares à hora?

Quanta literatura se pode discutir por dois dólares?

Um sonho

O tecto abate e eu sinto-me a arder. É estranho que os meus pêlos púbicos sejam os primeiros a pegar fogo. Isto consigo eu apagar. Agarro-os com as duas mãos e tento debelar as chamas com as águas do meu ventre. Ergo a mão direita, a arder como uma tocha. Aponto para ele, assim que o vejo. Está a uns metros de distância a falar com muita gente. Olha-me de soslaio. Consigo perceber o que diz. O que o preocupa é a vida e a morte das suas obras. Ergo de novo a tocha, a minha mão direita a arder, e chamo-o tenuemente pelo meio do escuro: «Bertolt!» Ele torna a olhar em volta, e depois diz uns versos do seu poema «Ardens sed virens»: «Belo o

que no fogo belo/ Se não faz em cinza ardida!/ Irmã, olha, assim me és querida,/ Ardente e não consumida.»[1] Depois volta-se para mim num tom ameaçador: «A cinza ardida não me serve de nada!» Tento lançar-lhe um sinal: em Cassiopeia falta uma estrela. Foi essa estrela desaparecida que me atingiu e ateou o fogo. Ele abana a cabeça sem sequer olhar para o céu. Pensa que eu enlouqueci uma vez mais. Então, W. agarra-o pelo braço e diz: «Chama os bombeiros! Só os bombeiros podem tratar disto. Quando há um incêndio, chama-se os bombeiros. Tu não podes ajudar!»

Vejo-o a dar instruções a alguém para chamar os bombeiros. Depois, de Cassiopeia, cai uma segunda estrela. Mas os bombeiros chegaram. Levam-me para o exterior e cobrem-me.

1 Versão de Paulo Quintela, em Bertolt Brecht, *Poemas*, Lisboa: Relógio d'Água, 2023, p. 309.

AH!
Associação Mural Sonoro
Cç. Santana, 169
1150-303 Lisboa